

Rafael Monico

Picnostopia

Contos leves e crônicas gostosas



Copyright©Rafael Monico

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Março de 2008

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: do autor

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

Rafael Monico

picnostopia

Março de 2008

Rio de Janeiro - Brasil

Dedicatória

Este livro é dedicado a estes personagens que ora são fruto de minha imaginação, ora são frutos de experiências vividas ou observadas.

Claro que não posso deixar de dedicar esta obra a meus maiores incentivadores nesta vida, meus pais Vânia e Dimas, além de minha muitas vezes inspiradora Dirce.

Aqui poderia enumerar diversas pessoas que significam muito para mim, mas prefiro ser mais discreto e apenas oferecer esta obra às pessoas que sabem que são parte integrante da minha história, de meus sentimentos e minha formação.

Agradecimentos

Agradeço à Câmara Brasileira de Jovens Escritores a oportunidade de apresentar esta obra ao público.

A Alice Pafundi, que fez a primeira correção tanto ortográfica como dos rumos deste livro, e a Ronaldo Santos Soares, que fez a segunda correção ortográfica.

Como aqui agradeço as pessoas que diretamente ajudaram este livro a existir, não posso deixar de citar três nomes: Bete, Cláudio e Priscilla.

Abrigado a todos.

Apresentação

Picnostopia é um conjunto de vontades, opiniões e histórias de uma mesma pessoa, que se descobre quando senta à frente de um computador nas madrugadas.

Aqui o leitor irá se deliciar com histórias controversas e instigantes, onde os personagens sempre se confundem com quem lê.

Ser um personagem deste livro é uma constante e certamente um barato.

Agora, se acalme, relaxe e boa leitura.

Biografia

O autor, Rafael Monico, é nascido em 3 de julho de 1977 na cidade de Santo André -SP. Formou-se em jornalismo na turma de 2005 do Centro Universitário IMES, em São Caetano do Sul. Foi militante político-estudantil durante a década de 90 e logo conheceu a vida de radialista pela rádio comunitária Patrulha FM. Em seguida, passou a ter uma coluna no jornal Estação Notícia, onde trabalhou entre 1999 e 2000, e retornou em 2002, ficando até 2006. Neste mesmo período, também trabalhou no *site* Tlach Notícias e Rádio ABC AM. Em 2007, decidiu se engajar na divulgação do Desenvolvimento Sustentável e passou a fazer parte do quadro dos ambientalistas do Instituto Triângulo.

O autor tem influências de escritores como Marcelo Rubens Paiva, Arnaldo Jabor, Luís Fernando Veríssimo, Nelson Rodrigues, Hildebrando Pafundi, entre outros. Assim, Rafael cria um mix de influências e apresenta seu próprio estilo de pensar e de escrever.

Índice

Ele Estava apaixonado	15
O sonhador	19
Sonho bom	23
Tudo azul	25
O passado	29
Cerveja e amigos	33
Baixinho porém, Goleiro	37
A aquisição	43
Infância 80	47
Quem sabe semana que vem?	51
De paixão ao amor e	55
Decidir	57
Análise da destruição	59
Quem, faz como Roberto	61
Eu gosto tanto de você!	65

Ele estava apaixonado

Eles já transavam há algum tempo. Ele sentia, pela primeira vez, que estava apaixonado.

Ela já havia declarado seu amor por ele, mas por diversas vezes ele evitou aprofundar-se no assunto, coisa que já começara a mudar.

Uma noite estavam saindo do banho, após uma bela transa no motel favorito do pseudocasal, quando ele, inesperadamente, perguntou-lhe:

– Você tem vontade de transar com dois homens?

– Ah! Sei lá! Não sei. Respondeu ela.

– Claro que sabe. Essas coisas sempre sabemos e, por outro lado, seria apenas nada mais do que uma vontade. Tem ou não? Insistiu ele.

– Tenho. Respondeu ela cabisbaixa, demonstrando certo constrangimento em se abrir de tal forma.

Ele levou um choque, pois imaginava que, por mais que ela não fosse puritana, não chegaria a tais devaneios eróticos. Por outro lado, apenas saber que ela tinha este desejo não o saciou.

– Como você imagina que seria?

– Ué, igual a gente vê nos filmes!

– Mas... Daquele jeito não é vulgar?

– Não é você que fala que na cama vale tudo? E que só não vale o que não dá prazer? Quando eu vejo como eles fazem, acho legal...Dá vontade.

Foi “um balde de água fria” em todo aquele sentimento que ele nutria por ela. Estava apaixonado, porém, agora inseguro.

Deitaram-se na cama e ele mal conseguiu abraçá-la, mas conteve-se. Deu-lhe um beijinho e ligou a TV. Levou um susto! Lá estava a atriz com todos os orifícios entupidos, gemendo, xingando e pedindo mais.

Ele não se conteve e perguntou:

– Tem vontade de fazer isso?

Ela, sonolenta, olhou e falou:

– Pára com essas perguntas, seu bobo!

– Qual é, foi só uma pergunta. Assim que você tem vontade? Insistiu ele novamente.

– Sei lá! Talvez!

– Talvez não é resposta. É assim ou não é?

– Tá bom. É assim. Não te parece ser gostoso também. Disse ela.

Ele ficou incomodado, não gostou da resposta. Estava apaixonado... Já imaginava como poderiam ser seus filhos... Mas outra pergunta lhe ocorreu:

– Faria isso comigo?

– Como assim?

– Eu e mais um?

– Acho que não. Com você, eu não conseguiria!

– Por quê?

– Que chato! Por que está tão interessado?

– Por que comigo não?

– Talvez por que você seja diferente... É mais romântico, mais sentimental. E para mim você vale por dois.

Ele ficou com seu ego nas nuvens, pensando ser o melhor, mas a insegurança bateu novamente.

picnostopia

Apaixonado como estava, voltou a perguntar:

– Quer dizer que, se você fizer, eu nem ficarei sabendo?

– Acho que nem farei, mas se fizesse, um dia, não sei se teria coragem de contar pra você, a não ser que fôssemos grandes amigos.

Ela virou para o lado e o deixou com a cabeça borbulhando... Afinal ele estava apaixonado, mas entendeu que estava inseguro demais.

Então para concluir disse-lhe:

– Posso te fazer uma última pergunta?

– A última? Rebateu ela.

– É uma última. Afirmou ele.

– Pode.

– Aquela sua melhor amiga ainda está solteira?

O sonhador

Carneiro era um homem muito sonhador. Porém, o maior de seus sonhos seria impossível realizar. Ele queria, muito, voltar à década de 60.

Sem reservas, ele era obstinado pelo estilo das mulheres da tal década, a bossa-nova carioca, a boêmia dos paulistas, o ie-ie-iê da jovem guarda, o rock dos Beatles, Elvis e Rolling Stones, além de ser apaixonado pelas lutas do tropicalismo, movimento estudantil e hippie.

Próximo de completar 30 anos, foi à praia com a namorada. Durante um momento romântico na carroceria de sua caminhonete Saveiro, no canto escuro da Praia das Gaivotas em Itanhaém, avistaram uma estrela cadente. Diferente de sua namorada, que pediu para que seu amor a pedisse em casamento, Carneiro decidiu desafiar o mito da estrela e desejou, do fundo de seu coração que, como presente, no dia de seu aniversário voltasse no tempo e vivesse na década tão desejada.

No dia de seu aniversário, quando acordou, Carneiro percebeu que algo estava diferente em seu quarto. Ali existiam fotos de pessoas que nem conhecia, móveis antigos, janelas diferentes, e logo concluiu que aquele não era seu quarto.

Carneiro correu para a janela e viu um muro que separava duas casas, e não a vista de seu apartamento no Bixiga.

Rafael Monico

Ele parou... pensou... e chegou a conclusão de que seu sonho havia se realizado.

Percebeu então que estava de pijama listrado, correu para a sala que tinha os móveis no mesmo estilo e logo abriu a porta para pegar o jornal. Lá estava a comprovação. Folha da Tarde, 26 de Setembro de 1960.

Ele voltou para o quarto, colocou uma roupa e foi para a rua. Subiu a 13 de Maio, perambulou pela Paulista, comprou discos de bossa-nova, passeou pela Mesbla, sem ter que passar por marreteiros na 24, vendendo tênis e óculos falsificados.

Agoniado, foi ao Anhangabaú e ficou lendo todos os jornais para se inteirar do que acontecia na época para então ir à boêmia da Ipiranga com a São João e depois à rua Augusta. Ele queria ir "à forra", afinal nem tinha chance de pegar AIDS, no máximo estava arriscado a pegar uma gonorréia.

Decidiu voltar para casa e descansar um pouco depois de tanto andar, mas antes passou na quadra da Vai-Vai, que já se preparava para o carnaval. Bebeu bastante, dançou com mulatas sem silicone, se esbaldou na noitada. Ele até falou com Adoniran, que por ali dera uma passada.

Chegou em casa, já era tarde e preferiu dormir e deixar a rua Augusta para o outro dia.

Estava muito feliz, agora ele se encontrara. Era um verdadeiro sonho realizado, e ele queria ter as baterias bem carregadas para curtir a vida da melhor forma na década de 60.

picnostopia

Quando acordou, após um belo sonho com sua presença em um dos festivais da Record, percebeu que algo estava errado, e em sua mão estava amarrado um bilhete.

“Não sei onde passou todo o dia, cansei de ligar em seu celular e você não atendeu. Quando cheguei, encontrei você bêbado, fedendo perfume barato.

Esperava tudo de você, menos isso, no dia de seu aniversário, seu nojento!

Quando acordar, ligue para mim.

Sua ex-namorada!” estava escrito em letras bem grandes.

Carneiro ficou solteiro. Não conseguiu inventar uma estória razoável, mas vendeu seu apartamento e hoje mora em uma casa na praia das gaivotas. Segundo alguns vizinhos, ele sempre é visto à noite, na parte escura da praia, olhando o céu.

De vez em quando desaparece por alguns dias, até semanas, mas nunca atrasou as contas de luz e água.

Sonho bom

Tive um sonho daqueles... Ah, que sonho bom! Sabe quando sonhamos que a pessoa perfeita apareceu na sua frente, te conheceu e te fez feliz tanto quanto você teve capacidade de fazê-la também.

Que sonho delicioso! Ela veio linda... Linda para mim! Não comparada com uma modelo escultural, apenas linda! Despertando dentro de mim, em minutos, o tempo que dura um sonho, um sentimento que não achava capaz de reviver.

Era tudo muito real, muito de verdade, nem cheguei a desconfiar que poderia ser apenas um sonho.

É uma pena ela não existir na minha vida. Foi apenas uma personagem criada pelo meu cérebro maquiavélico que acertou em cheio para caçoar de mim e me ver bobo como estou. Também, como poderia ele errar?

Saí de casa e, sinceramente, admito que a procurei. Disfarçadamente, fiquei atento, olhei para todas as pessoas que passavam pela rua. Não tive sucesso. Realmente, para minha infelicidade, ela não existe. Mas como seria se existisse e eu a encontrasse? Será que eu teria coragem de ir falar com ela? Acredito que sim, estou apaixonado!

– Oi, lembra-se de mim? Vivemos um romance maravilhoso esta noite, em meu sonho! Lembra?

Rafael Monico

Imaginem a cara da moça.

Se eu a encontrasse, tentaria conhecê-la? Pegar telefone? Sei lá!

Será que existiria a possibilidade de ela me reconhecer?

– Ei! Estive no seu sonho hoje, lembra-se de mim?

Será que quando temos estes sonhos, paralelamente, a tal protagonista também tem o mesmo sonho?

Seria este sonho o resultado de uma linha entre duas pessoas, assim como funcionam os celulares?

Se fosse assim, ao menos saberia que alguém, em algum lugar, está apaixonada por mim, assim como estou por ela, caso ela exista.

Tudo azul

Medeiros queria apenas tomar uma cerveja e relaxar naquele fim de tarde deslumbrante. Seu dia tinha sido perfeito, e a noite ele só queria que terminasse bem.

Chegando no bar do Zezo abriu um sorriso e exclamou:

– Grande amigo Zezo! Se o que tu queres é fazer deste bar um ponto de alegria e felicidade, comece por mim e “desça” aquela estupidamente gelada.

E, como era de costume, foi prontamente atendido.

Medeiros, muito bem humorado, observava a beleza da simplicidade das coisas do cotidiano que aconteciam ao seu redor.

Notou o quanto a atendente, do bazar ao lado, era bonita e como lhe caíam bem aquelas roupas, ela ficava “sexy”.

Percebeu que os pássaros tinham como costume ficar em uma grande árvore, bem em frente ao bar, para cantarolar por horas, criando uma perfeita trilha sonora para um momento tão calmo e sereno.

Estava tudo perfeito. Ele sentia muita paz e nem pensava em deixar aquele momento acabar.

O clima estava agradável e a posição de sua mesa lhe dava a sensação de estar no camarote de um teatro, muito bem localizado, assistindo a um belíssimo pôr-do-sol.

Tal momento merecia uma introspecção, mas não de estômago vazio:

– Zezo, por favor, prepara aquele salaminho com limão aqui para o amigo e aproveite a viagem e traga mais uma “gelada”.

– É pra já, Medeiros!

Respondeu o dono do bar contagiado pela alegria do cliente.

Medeiros passou a observar o movimento das nuvens, e começou a rir, feito criança, quando percebeu que em sua imaginação as nuvens construíam desenhos infantis.

– Tá aqui, Medeiros, uma porção de salaminho bem caprichada. Mandei até umas azeitoninhas de brinde.

-Obrigado, Zezo! Assim você deixa a minha tarde mais feliz! Isso que é amigo! Hoje eu nem vou deixar essa na conta, heim!

Zezo voltou para o balcão intrigado. Afinal, o que será que aconteceu neste dia que deixou seu cliente tão animado?

Conhecedor profundo das mazelas e alegrias de clientes que sempre despejam os sentimentos no balcão de seu bar, Zezo logo concluiu que Medeiros estava apaixonado.

Tanto bom humor, só poderia ser mulher. Mas mantendo uma discricção que lhe era peculiar, reconhecida por todos do bairro Paraíso, o dono do bar não se intrometeu e voltou a cuidar de seu ofício.

Por sua vez, Medeiros degustava pedaços inteiros de salame regado a limão e sua cerveja geladinha, com um largo sorriso na boca, sem disfarçar o seu bem-estar.

picnostopia

O momento era tão bom que Medeiros chegou a sentir aquela paz que antecede o sono. Tal tranquilidade foi tomando conta de seu corpo de uma forma tão gostosa, calma e intensa que, antes do sol se pôr inteiramente, ele pegou no sono.

Dez e meia da noite. Zezo fechava a conta de seu último cliente quando percebeu que Medeiros ainda estava lá. O proprietário já havia pensado em acordá-lo, mas seu sono era tão relaxante... Preferiu adiar.

Mas agora era inevitável.

Dirigiu-se à mesa e exclamou:

– Medeiros!

O cliente nem se mexeu.

– Medeiros! Vou fechar o bar!

Numa tentativa comum, Zezo decide sacudir o amigo para despertá-lo. Foi aí que percebeu... O homem estava gelado e rígido, porém com um confortante sorriso nos lábios.

O passado

Saudosista, o canceriano José Carlos estava perdido em suas lembranças. Era aquela caixinha onde mantinha guardadas algumas tranqueiras que tinha o poder de fazê-lo relembrar de um passado não muito distante.

Era sempre assim cada vez que decidia mexer em coisas velhas de seu quarto.

Desta vez ele apenas queria diminuir o número de tranqueiras que ocupavam os maleiros de seu guarda-roupa, mas pequenos objetos guardados com carinho o faziam lembrar de momentos e pessoas marcantes de sua vida.

Ali estava, era uma das primeiras cartas de amor que recebera. Ela tinha apenas 12 anos, e finalizava a carta com o refrão de uma velha canção do grupo Roupas Nova: “Eu ti amo e vou gritar pra todo mundo ouvir”. Esta não era das melhores lembranças, entretanto guardava pela consideração.

Junto estavam alguns correios românticos que recebia em quermesses do início de sua adolescência no interior.

Ele encontrou um figurinha da Copa União que o amigo Cássio lhe deu. Era o Taffarel, ainda goleiro do Internacional de Porto Alegre.

Ali José Carlos entrava em contato imediato com seu passado, bem na época de sua pré-adolescência que, convenhamos, são tempos que todos gostam de lembrar.

Rafael Monico

Ele não apenas voltava, mas revivia aqueles anos quando se punha de frente às bugigangas.

José Carlos não deixava o passado passar pela mente. Ele subia no bonde do regresso e revivia aqueles momentos com intensidade e muita emoção, assim como somente um canceriano pode fazer.

Era como se pudesse entrar em uma máquina do tempo, e sentir o vento no rosto de seus passeios de bicicleta e o cheiro do perfume da menina que lhe deu aquele primeiro beijo.

Perdido, embriagado e entregue a todos aqueles objetos, fotos e lembranças, ele viu um guardanapo de papel. Não lembrou o porquê dele estar ali, afinal, tudo que estava lá, de cor ele tinha a lembrança de alguma história mas, com o guardanapo, não se lembrava.

Ele ficou curioso, pegou o tal papel e o abriu. Percebeu que existia outro guardanapo, bem dobrado, de forma que se encaixava perfeitamente fazendo os dois parecerem apenas um.

Ele abriu o primeiro, e este tinha uma marca de batom com uma frase escrita do lado.

“É difícil entender que te perdi, mas sei que se guardar este beijo com você, sempre que o ver me amará. Assinado Mara”.

Ele lembrou. Ela tinha sido uma grande paixão de sua vida e lhe entregou o papel no dia de sua festa de 18

picnostopia

anos. Mesmo dia em que apresentou a ela sua nova namorada, Amanda, com quem se casou cinco anos depois.

Casamento que durou apenas um ano. Divorciando-se sem saber o motivo que fizera sua esposa o deixar.

Ele ficou alguns minutos observando aquele pedaço de papel e lembrou-se do quanto gostou de Mara, e chegou a sentir o gosto de seus beijos, mas logo sua ex-esposa lhe ocupou a mente e o coração. Era por ela que ele sofria agora.

Buscando esquecer a mágoa da separação que voltava a lhe afligir, José Carlos preferiu voltar ao passado e ler o outro guardanapo. Ele o abriu e logo viu que lá existia outra marca de batom, acreditou que seria uma cópia do primeiro, mas mesmo assim terminou de desdobrá-lo.

Para sua surpresa, ali tinha um outro recado.

“Sempre quis saber por que estas bugigangas são tão importantes para você, e ao fuçá-las, infelizmente, descobri que nunca serei a única, e nem tão importante quanto as lembranças em sua vida. Por isso acredito que somente quando encontrares isto, terei a certeza que me ama. Assinado Amanda”.

Cerveja e amigos

Adalberto queria, como ele mesmo dizia, dar um “Pelé” na namorada. Driblar a patroa para aproveitar uma noite com os amigos, beber, rir e lembrar da sensação de ser livre.

Não tinha grandes pretensões de se perder em rabos de saia, apenas queria sentir a noite.

Sua namorada, Djanira, não era das mais fáceis. Ela fazia cara de amiga compreensiva, entendia que vez ou outra uma noitada não fazia mal, mas era dissimulada. Nos bastidores da relação, entorpecia Adalberto com motivos para não realizar tal ato, argumentava e até ameaçava o moço.

– Adalberto, você sabe que não me importo se for aproveitar uma noite com os rapazes, deve ser bom ter amigos, pessoas que nos façam rir, mas, cuidado! Pois, se um deles quiser te ferrar por causa de qualquer motivo, é só vir até aqui e falar para mim que você esteve com outra na última noitada. Eu confio em você, mas quem me garante o que acontece nestas noites? Afinal, não seria você quem me avisaria que estou “corná”, seria?

O rapaz, embevecido de amor, deixava-se levar pelos fortes argumentos da amada e passou a evitar até alguns amigos.

Rafael Monico

Porem, cansado de tantos argumentos, o rapaz neste dia ligou para Djanira inventando uma boa estória. Falou que iria direto para casa dormir, pois teria que ir mais cedo ao trabalho no dia seguinte.

Chegou em casa e ligou para a namorada, fez juras de amor, bocejou e desejou-lhe boa noite. Estava tudo pronto para a grande noite.

Logo soaram as buzinas na porta de sua casa. Eram os amigos que chegavam na hora marcada para buscá-lo.

O plano teria sido perfeito, se não fosse o caso de não existirem planos perfeitos para o acaso.

Djanira teve um pesadelo no meio da madrugada. Ela sonhou que se separava de Alberto, seu grande amor.

Ela acordou e pensou duas vezes, mas não resistiu e ligou para o celular do namorado.

Bêbado, Adalberto ouve o telefone tocar e olha para saber quem era. Sofre um grande susto ao ver no olho mágico que era a Djanira. Ele não poderia atender, pois não tinha condições de disfarçar sua embriaguez.

Num lampejo de solução, ele decide não atender, até que o celular para de tocar, mas logo inicia de novo... e era a Djanira.

Sabedora que seu namorado sempre atende ao telefone de madrugada, mesmo quando está dormindo, Djanira fica preocupada e passa a ligar para os vizinhos

picnostopia

que não sabiam de Adalberto, e os que sabiam preferiram não se envolver.

Ligou para todos os amigos que confirmaram estar na balada, mas sem Adalberto.

O rapaz mesmo bêbado, conseguiu imaginar que Djanira iria a sua casa, assim logo decidiu ir embora da balada.

Desesperada, Djanira liga para os pais do namorado que, por não morarem com o filho, não sabiam da articulação e ficaram, também, muito preocupados. Sem ter mais para quem ligar, Djanira decide mesmo ir à casa do seu amor, para averiguar possíveis acontecimentos.

Ela chega e bate na porta e ninguém atende. Então logo liga para a polícia, informando o desaparecimento de seu amor.

Seu desespero chamou a atenção de vizinhos que vieram averiguar o acontecido, mas Dejanira preferia gritar: – Eu sonhei que tinha perdido meu amor! Foi um sinal! Ele deve estar morto ai dentro!

Mas sem as chaves ela não conseguia entrar, vizinhos queriam arrombar a porta mas a polícia não deixou.

Minutos depois, em meio a todo tumulto causado, pela já considerada viúva de namorado, Adalberto é avisado. Vindo para casa tropeçando em tudo!

Sem pensar duas vezes, ela passa o maior sermão do mundo no rapaz afirmando que no mínimo ele estava com prostitutas e os vagabundos de seus amigos. Dizia

Rafael Monico

que ele era muito irresponsável e que não queria um homem como ele para ser pai de seus filhos. Humilhou e deu escracho no namorado, na frente de todos, dizendo que estava tudo acabado.

Ela afirmava que era uma mulher de respeito que jamais aceitaria um bêbado vagabundo em sua cama como pai de seu filho...

Sem argumentação qualquer Adalberto pegou Djanira no colo e a levou bruscamente para o quarto. Sem ter dó da moça, rasgou-lhe as roupas, jogou-a na cama e a fez mulher.

Os vizinhos que ali estavam, ficaram horrorizados achando que o rapaz poderia ter batido na mulher. Mas quando escutaram os uivos, da ex-viúva, se dispersaram.

O casal nem foi trabalhar no dia seguinte, vivendo de prazer.

Eles se casaram no último verão e Adalberto tem direito de ir ao bar toda quinta-feira para fazer um happy hour com os amigos, depois do futebol.

Baixinho, porém goleiro!

Discutia com uns amigos alguns lances memoráveis do futebol brasileiro e isso me fez lembrar de meus momentos no futebol.

Nunca fui craque na linha, apesar de achar que, se me dedicasse à carreira de lateral direito, estaria na média dos péssimos jogadores da posição hoje em dia, com duas ou três exceções.

Meu lugar preferido sempre foi o gol. Comecei como zagueiro central no time do Clube Municipal Zito, em Pindamonhangaba, nome dado em homenagem à prata da casa que foi da Seleção Brasileira e do Santos na década de 60.

O clube oferecia aulas de diversos esportes, gratuitamente, e mantinha os times de futebol de campo em campeonatos regionais.

Nos dois campeonatos municipais que disputamos com a gloriosa camisa azul e branca, ficamos em sexto lugar.

Aí o técnico decidiu fazer uma peneira e algumas modificações para o próximo ano, aproveitei então para manifestar minha vontade de ir para o gol.

Ele argumentou que eu era baixinho para a posição, e que preferia que eu ficasse onde estava, pois como zagueiro eu renderia mais.

Rafael Monico

Para não dispensar a meninada que tinha entre 10 e 13 anos, ele decidiu montar dois times para o próximo campeonato. No time principal eu tinha minha posição assegurada, me chamavam de Ricardo Rocha, um zagueiro que foi para a Copa do Mundo só por causa dos carrinhos precisos.

O técnico dizia que eu precisava jogar um pouco mais em pé, pois dava muito carrinho, mas nunca fui expulso de campo.

Disputar um campeonato por um clube municipal da periferia da cidade. Isso era coisa séria. Entrava em campo a rivalidade e a honra de vencer os “playboyzinhos” dos clubes particulares como o Literário e a Ferroviária. Por isso treinávamos de terça e quinta-feira pela manhã e sexta à tarde, com muita vontade de mostrar que a falta de estrutura não era problema para nós.

Os coletivos de quinta eram sempre entre o time principal e o time chamado de “B”. Nosso goleiro era bom, mas o do outro time nem tanto.

Um dia, por causa de ser pego matando aula, o goleiro do time B estava de castigo e não poderia treinar, muito menos jogar a partida do sábado de manhã. O goleiro reserva era adventista e tinha compromisso com a igreja bem naquele sábado. Ele estava lá porque quase todos os jogos eram de domingo.

Era minha oportunidade de ocupar o gol do time B.

Pedi ao técnico a oportunidade, ele falou que eu poderia jogar meio tempo do treino no gol do B.

picnostopia

Quinta feira, o grande dia, eu havia perdido a tarde anterior treinando com uma bolinha de borracha que jogava na parede e tentava agarrar.

Estava preparado, fui ao treino, o técnico pediu para eu treinar o primeiro tempo no meu lugar de costume, joguei tentando me poupar. Com quinze minutos de jogo, já ganhávamos de 3 x 0 com dois “frangos” do meu rival. Estyava tudo ao meu favor, tudo perfeito. Aí, o técnico pediu para eu ir para o gol.

Felicidade total! Fui para o gol, sem camisa mesmo! O substituído não quis me emprestar a camisa de goleiro, que era dele.

Joguei os dois tempos. E o jogo acabou em 5 x 1. Tomei dois gols – um de falta – eu era baixinho, lembra? O outro... Um belo chute do Alexandre, o craque do time principal, sem chance no canto. Do resto até fui bem.

O técnico me chamou para compor o banco no sábado, eu seria o reserva do goleiro, ele decidiu colocar o arqueiro do time principal para jogar pelo time B.

Mesmo assim fui para casa esperançoso, afinal era uma oportunidade. Continuei treinando com minha bolinha na parede deixando minha mãe quase louca.

Até que chegou sábado e eu vi o dia chegar direitinho, pois não existia sono que pudesse fechar meus olhos. Todo mundo no clube para pegar o ônibus, nós iamos de coletivo mesmo, mas faltava alguém.

Cadê o goleiro?

Felicidade! Estava escalado por força do destino.

A emoção foi muito grande ao entrar em campo com o uniforme de goleiro, mesmo sem luvas, meu pai, minha mãe e meu avô estavam lá, dei tchauzinho para eles.

Começou o jogo parecia que eu escutava um narrador empolgado:

– Apita o árbitro e começa o grande jogo, Clube Zito de Moreira Cesar x Ferroviária. Neste jogo o Zito vem com um trunfo debaixo das traves, Rafael, “O Ricardo Rocha de Pindamonhangaba”, decidi guardar as metas de seu time e está pronto para fechar o gol.

Não quero me gabar, mas fechei o gol mesmo. Foi uma pena perdemos o jogo por dois a zero. Tomei um gol de “encoberta” do zagueiro e outro de “cabeça” do volante, ambos contra.

Meu pai, meu avô e minha mãe me contaram que, sem que soubessem que meus pais estavam ali, alguns torcedores elogiaram meu posicionamento e até a minha impulsão. teve até quem que dissesse: “Esse goleirinho tem futuro, é só crescer.”

A partir daí tive a honra de compor ambos os times, sendo zagueiro no time principal e goleiro que alternava a reserva no time B.

De segunda-feira iniciei as aulas de vôlei e fazia natação à tarde para ver se crescia um pouco mais. Cresci, larguei o campo, fui para o salão e meus amigos ainda se

picnostopia

lembravam de minhas defesas, mas estas ficam para outras história.

O fato é que virei jornalista mesmo, afinal, futebol dá dinheiro demais.

A aquisição

Jairo comprou um carro zero. Deu o seu “Gol mil’ ano 95, em ótimo estado, como entrada. Dividiu o restante em árduas 36 prestações.

Mas como as coisas não são exatamente como queremos, um carro zero não é pronta entrega.

Ele teria que esperar a loja trazer o carro do pátio, fazer a inspeção e acertar a documentação. Isto levaria cinco intermináveis dias. O carro seria entregue, apenas no outro sábado.

Enquanto isso, ele teria que ficar com seu “Gol mil raridade” intacto. Caso voltasse a loja com ele batido ou até mesmo sem, no caso de roubo, seria o fim da aquisição, avisou o vendedor.

Decidido, Jairo conversou com a patroa, Valkiria, e com o filho, avisando que a garagem seria o lugar mais seguro para que seu sonho de consumo, que já durava duas décadas, desde quando comprou seu primeiro Fusquinha “azul bebe ano 66” aos 21 anos, não fosse desfeito.

Jairo só tiraria seu valioso “mil” da garagem em caso de emergência.

No primeiro dia, a mulher foi fazer despesa. Quando terminou, o supermercado estava fechando; portanto,

Rafael Monico

os perueiros que entregavam as compras já haviam saído do trabalho. Valkiria pediu a Jairo que fosse buscá-la, porém, ele recusou-se, lembrando que não se tratava de emergência, e lhe pagou um táxi.

No outro dia, o despertador não tocou e ele perdeu o ônibus da firma que passava próximo a sua casa. De carro poderia chegar a tempo, mas preferiu ir de ônibus.

Chegou atrasado. O chefe deu-lhe uma bronca e ainda uma advertência.

A Dona Selmara, sogra de Jairo, tinha dificuldade em andar, por isso marcou uma consulta na geriatria do INSS, com quatro meses de antecedência, no horário em que seu genro estivesse fora do trabalho. Mas naquela semana Jairo negou-se a levar a velha, lembrando-a que ela tinha outros genros. Por isso não considerava uma situação de emergência e não colocaria em risco seu carro.

A determinação de Jairo era preservar o carro que lhe garantiria o sonho de ter um belo veículo zero km para apresentar aos amigos. Para ele, isso significava um salto em sua vida social. Mas essa “neura” passou a causar um mal-estar com sua esposa, pois ela já afirmava que para Jairo o carro era mais importante que ela.

O prevenido rapaz não concordou, brigou com a patroa e até ficou sem falar com ela por algumas horas.

À noite, seu filho mais novo passara mal e Valquiria queria o levar para o médico, mas Jairo recusou-se.

picnostopia

– Que é isso muié, é só uma febrinha.

Mas a criança piorou ainda mais.

Mesmo percebendo, Jairo insistiu em não ir ao hospital para evitar sair com o carro. Por isso levou a criança ao médico de ônibus. E não tirou o carro da garagem.

Finalmente chegou o sábado. Feliz, Jairo levantou cedo e acordou a todos dizendo que queria a família junto com ele na hora que trocasse os veículos. Mas seu filho estava ainda se recuperando da febre e sua mulher se mantinha irada com as atitudes do marido. Recusou-se a ir.

Ainda motivado, o dono do novo carro zero do bairro foi até a garagem, entrou no “Gol mil raridade”, rezou bastante pedindo para Deus ajudá-lo e protegê-lo para que conseguisse entregar o carro intacto. E saiu.

Chegou na loja, entregou o carro que valia 30 % de sua nova aquisição e pegou o zero.

Saindo da loja, Jairo vibrava de felicidade com a certeza que valera a pena ter feito tudo que fez para pegar o carro zero. Despediu-se dos vendedores, entrou na rua em direção à sua casa.

Ele nem acreditava que tinha conseguido. Quando parou no farol, olhou para o lado e viu um homem malencarado gritando: – Desce se não quer morrer!

Rafael Monico

Jairo pensou em tudo. Só se esqueceu de por o carro novo no seguro.

Infância 80

Sabe, não posso reclamar. Fazendo uma análise da minha vida, até o presente momento, vejo que sou um cara feliz e realizado.

Tive uma ótima infância, sem grandes traumas ou tragédias que desviassem minha personalidade para algo que hoje condeno. Fui privilegiado em ter sido criança nos anos 80.

Esta geração foi a última que nas grandes cidades podíamos sair às ruas e brincar de marreta, esconde-esconde, queimada, mãe-da-rua, futebol, elástico e depois ainda ir para casa jogar videogame (Atari).

Antes desta geração, não existia videogame; depois não existiam mais brincadeiras de rua.

Além disso, nossa geração teve o Bozo, o Balão Mágico, o Bambalalão, os Trapalhões, e também os primeiros brinquedos "inteligentes": carrinhos a fricção para os meninos e bonecas que falavam para as meninas.

Fomos afortunados em tudo. É claro que quando falamos em brinquedos tudo se devia à classe social de cada criança. Mesmo assim, a criança ainda podia usar sua criatividade e brincar na rua sem medo da violência ou da bala perdida.

Rafael Monico

Existiam carros nas ruas, mas ainda dava para pegar caixotes de madeira da feira e fazer pequenos gols, então riscávamos a rua com tijolo de construção e os campos de futebol nasciam. Assim eram criados também campinhos de taco, queimada e pega-banderinha.

As meninas se divertiam com bonecas de pano ou em, simplesmente, brincar de pular elástico ou amarelinha. E os meninos, gols de classe no muro do vizinho.

Como foi bom poder ter amigos do bairro, times das ruas, e técnicos de fim de semana. Sempre um avô ou pai de alguém.

Brincávamos de fubeca, pipa e guerra de mamona.

Minha infância foi parte na cidade e parte no interior. Sai de Santo André, na Grande São Paulo, aos nove anos e morei até os treze em Pindamonhangaba, no interior do estado.

Foi maravilhoso! Foi em lago que aprendi a nadar, foi com vara de bambu verde, feita por mim, que aprendi a pescar na beira do riacho e foi em bailinho de garagem que aprendi a beijar.

Jogava bola o dia inteiro, soltava pipa, ia nadar na lagoa da De Zorzi, chegava em casa, muito cansado, mas não deixava de ir aos bailes de garagem.

Quantas lembranças... Tocávamos os falsários Milli e Vanili, com *I Nice youe Information Societ* com *Repetition*, entre outras musicas lentas, e logo chamavamos para dançar uma menina. Quem sobrava logo corria atrás da vassoura.

picnostopia

Essa geração dançava sem fazer cursinho. A perfeição americana ainda não nos dominava.

Os mais rebeldes, assim como eu, gritavam: “O Silvia, PIRANHA!”, e queríamos invadir a praia dos outros, mas sempre pra ver o dia nascer feliz.

Mesmo quando crianças, escutávamos de tudo em músicas. As rádios não eram segmentadas.

Tocavam Balão Mágico, Fábio Júnior e Legião Urbana, tudo no mesmo horário.

Éramos felizes e sabíamos, mas hoje parece que fui muito mais feliz do que sabia.

Quem sabe na semana que vem?

Por muitas vezes senti uma vontade... E quem não sentiu?

Quem nunca quis entender o mundo e as coisas dele?

Tenho vontade de colocar as malas nas costas e sair por aí, parando em diversos lugares, principalmente praias, para curtir a vida uns tempos. Sem garantias nem certezas, apenas uma leve mochila nas costas e um violão na mão.

O violão, não sei exatamente para que serviria, pois não sei tocar, mas talvez fosse esta a grande chance de aprender. Assim como compreender coisas e pessoas, enfim, achar meu lugar no mundo, minha serventia neste lugar.

Acredito que sair sem preocupações e andar com destino ao desconhecido, sem vínculos ou medo de afeições, isso deve dar grandeza ao ser humano. A experiência parece ser única, afinal é praticamente uma sensação clara de liberdade.

Até mais!

Pai, mãe, vô, vó, amigos, trabalho...Ligarei de vez em quando... A gente se vê quando voltar. Isso se não me encontrar em algum lugar.. Mas um dia eu volto, nem que seja para uma visita no Natal, Dia das Mães ou Dos Pais, caso contrário, só se Deus quiser.

Mas sair pelo mundo causa medo porque tem muita gente covarde, ruim e mesquinha pelas estradas. Sair

Rafael Monico

por aí, de peito aberto, nos aproxima muito dos perigos desta vida. Muita maldade pode acontecer nos dias de hoje, e talvez seja isso que me mantém em frente deste computador escrevendo minhas vontades, desejos e sandices. Ouvindo Tim Maia... Viajando em uma música que tem 12 minutos, na repetição, enquanto minha namorada dorme sozinha em minha cama.

Mas vale pensar que a violência e a maldade podem nos encontrar em qualquer lugar, afinal nunca sabemos se iremos ser seqüestrados ou teremos uma arma na cabeça para entregar o carro. Esse medo ainda me prende a este meu mundo, onde sinto um pouco mais de segurança e gosto. Se bem que poderia acrescentar a ele experiências que só com um possível desligamento da minha vida social eu poderia ter.

Um dia em uma praia, outro dia em uma praça, o outro com estranhos em um acampamento.

Seria livre e poderia explorar qualquer lugar, sobre qualquer coisa. Foi assim que os bandeirantes fizeram no Brasil, foi assim que cientistas descobriram detalhes sobre os pássaros, os peixes e as plantas. Foi assim que homens descobriram o quanto o mundo é grande, saindo para descobrir com um objetivo que não sabiam se poderia ser cumprido, em busca do desconhecido para poder ser explicado.

Meu objetivo seria sociológico, psicológico e político. Seria sentir a sensação de liberdade, e conhecer o ser humano e como vivem nas diversas regiões.

picnostopia

Eu tenho essa vontade, esse sonho, mas não posso cumpri-lo. Por quê? Bem, é simples. Porque amanhã eu tenho uma entrevista com a secretária de educação, e depois tenho de falar da rodada do Campeonato Paulista de Futebol que acontece na quarta e quinta-feira. Além de ter marcado um cineminha pra sábado com minha namorada. Não vou porque esta semana está cheia, quem sabe na outra semana... Quem sabe?

De paixão ao amor e...

Na paixão, é impossível não se machucar. É ruim, mas é verdade. Então, por que é bom se apaixonar? É estranho colocar desta forma...

Quando estamos apaixonados, o dia nasce mais bonito! A noite é mais gostosa! Ah! O egoísmo reina. Esquecemos dos amigos. A não ser para falar um pouco mais de nossa paixão. Nenhum outro assunto nos interessa. Chegamos a ser prepotentes ao acreditar que aquela forte chuva de verão cai apenas para abençoar nosso amor! E nem lembramos que a mesma chuva causa engarrafamentos, derruba barracos ou, simplesmente, é necessária ao meio ambiente.

Quando estamos apaixonados, vivemos no "mundo da lua!" Transamos e esquecemo-nos de todos os problemas do mundo, inclusive da AIDS, de outras DST's e, principalmente, da maternidade não planejada.

Danem-se a inflação, o preço da gasolina, a derrota do seu time, a dor de cabeça da vovó e a "morte da bezerra"!

Vislumbramos um mundo melhor! Acreditamos que podemos viver de "paz e amor" e nos tornamos melhor, apesar de encher o saco de todos falando apenas da pessoa por quem estamos apaixonados.

Mas, um dia, as coisas parecem mudar e voltamos a sentir o chão. Primeiro por alguns instantes, para logo voltar a voar... Mas, desta vez, para outro caminho.

Rafael Monico

O egoísmo vira doença. É o inevitável estágio da insegurança. Você acredita que não é mais correspondido e passa a exigir que a outra pessoa te ame.

É aí que as coisas ficam ruins.

Aqueles belos dias se tornam verdadeiras prisões de pensamentos maus, mesquinhos, paranóicos, estranhos, doentes...

Quando ligamos e o telefone toca mais de três vezes, é sinal de que algo está errado. Se o pingo da chuva cair duas vezes no mesmo lugar, é sinal de que seu amor tem outra pessoa. Bem me quer, mal me quer, e outras paranóias.

Agora não estamos apenas sentindo uma deliciosa paixão, estamos sofrendo.

Porém, com muita calma, isso passa e vira amor.

Daí as terríveis noites de pensamentos catastróficos dão lugar novamente à vida.

Então crescemos, as coisas se estabilizam e caminhamos na linha traiçoeira da rotina, que passa a ser nossa maior inimiga na busca da felicidade.

Na realidade, só passamos por isso porque somos, apenas e tão somente, seres humanos e, quase, animais irracionais quando se trata de sentimento.

Mas tudo bem! Se tiver que ser assim... Assim será.

Decidir

Decidir por muitas vezes é fácil, mas nas principais vezes é extremamente difícil.

Certo ou errado, com menos risco ou duvidoso, o que quero e o que preciso fazer.

Estas três decisões são as mais freqüentes e complicadas, mas as que garantem nossa sobrevivência neste mundo.

Decidir: No pessoal, passa por complicados sistemas internos. Entre estes sistemas, podemos destacar o religioso. Este sempre pesa, afinal, o sagrado e o profano estão em tudo. Por exemplo, uma cervejinha no final da tarde pode ser sagrada para você, ou, profana para o alcoólatra.

Fazer sexo quando as crianças estão na casa do amiguinho pode ser profano se elas voltarem de surpresa. Mas, sagrado se ali acontecer a conjunção necessária para o surgimento de uma nova vida.

Porém, uma coisa é certa: Na hora "H" de decidir, pedimos aquela força para Deus.

O segundo item dos sistemas internos de decisão é o de avaliar e dar importância ao que outras pessoas possam falar. Podemos escolher entre ser um michê e ser mal falado, ou ser um bombeiro e muito bem conceituado. Mas a verdade é que a opinião das pessoas sempre pesa na sua satisfação.

Compramos um carro para nos sentirmos bem e estar mosconfortáveis, mas também para mostrarmos o status adquirido.

É o famoso status social de “ter” como mais importante que “ser”.

Temos grana para comprar um carro mil “zero km” mas preferimos pagar prestações de um “1.8” completo, só para mostrar a todos que estamos “podendo”.

O terceiro item interno de uma decisão é o sentimento perante “o decidir”.

Por natureza, ainda somos sentimentais na hora de tomar uma atitude perante as principais coisas. Se isso fosse mentira, talvez não fosse tão difícil terminar um namoro. Dois sentimentos atrapalham esta decisão. O primeiro é o de insegurança. Duvidamos de nossa capacidade de voltar a viver sozinhos e sempre estendemos a relação.

Quando terminamos mesmo e as coisas não vão tão bem quanto imaginávamos, a tentação em voltar é inevitável. Talvez por isso poucos são os namoros e casamentos que terminam sem tentar mais uma vez.

O segundo sentimento é o de posse. Como é difícil imaginar que alguém, que esteve por tanto tempo em seus braços, possa fazer sexo com outra pessoa!

Isso corrói e, só de imaginar que tal coisa possa acontecer, preferimos esquecer o que queríamos decidir e voltamos ao relacionamento. Até que ele fique totalmente abalado e termine em ruínas. Se não fosse o sentimento de posse, muitos casais hoje seriam amigos.

Para decidir coisas importantes, viajamos por todos estes pesares e aí chegamos ao nosso decidido veredicto final: Vai tudo a merda!

A análise da destruição

Por estes dias fui almoçar com minha avó, uma conceituada parteira até meados da década de 70. Por aquelas mãos nasceram futuros prefeitos, vereadores, publicitários, pedreiros, garis e até borracheiros.

Ela é uma mulher que tem muita história pra contar, por mais que evite. Durante uma garfada e outra, perguntei a ela como era aquele lugar onde estávamos quando ela era jovem. Levei um susto com a resposta. Ela garantiu que ali era um lugar chamado de rochedo, onde existiam pedras muito grandes e vegetação rasteira, afirmando que se algum corpo fosse jogado ali levariam anos para ser encontrado.

Olhei novamente para o local e vi prédios, avenidas e muito comércio, tudo quase que plano, com muita engenharia, um típico local de centro de cidade, sem nenhuma rocha.

Hoje voltei ao lugar e parei para tentar imaginar como seria se ali ainda estivessem as rochas, que certamente habitaram o local por milhares de anos.

Foi em vão. Não conseguia imaginar aquele local com vegetação rasteira, pedras e animais.

Quando caí em mim, entendi o quanto somos capazes de mudar a natureza e como isto pode ser prejudicial. Por alguns dias tenho passado a observar algumas coisas

Rafael Monico

com um olhar diferente, percebendo o quanto mudamos nossa paisagem sem medo da degradação. Estamos brincando de ser Deus.

Por incrível que pareça, tudo por aqui já foi mata, tá certo é meio hipócrita esse negócio de vida selvagem e voltar às origens, mas juro que ao perceber isso fiquei com medo.

Você que está lendo este texto, agora, tem idéia do quanto, sozinho, já destruiu a natureza e o meio que o cerca? Você acha que nunca fez isso? Se responder que acredita que nunca, está sendo realmente hipócrita.

Todos nós temos, por costume e meio de sobrevivência preguiçosa, o hábito de agredir a natureza. Somos a favor da canalização de um riacho próximo de casa ou o asfaltamento da rua, por exemplo.

Nós invadimos um local em que há milhares de anos existe uma vegetação específica que alimenta determinados animais e decidimos canalizar os rios para nosso conforto. Depois o poluímos, construímos uma casa, asfaltamos a rua e dormimos felizes por ter um lugar para viver, sem imaginar que para morarmos ali toda aquela região sofreu um forte impacto, diversos animais deixaram de procriar ou viver. Pense nisso!

Certamente a natureza já teve muita paciência com todos nós e aí fica a pergunta: Até quando?

Quem, faz como Roberto?

Roberto apenas queria encontrar um novo amor e em seu trabalho existia uma pessoa.

Ela era uma morena sedutora, com um olhar sexy e penetrante. Não era magra e nem gorda; era exata, com uma pele que, até então, Roberto acreditava ser macia pelo simples fato de que, sempre que a cumprimentava, alisava seu rosto junto com um beijinho.

Uma noite, em um happy hour, Roberto percebeu algumas brincadeiras vindas da morena para com ele. Sem titubear, o rapaz previu que o que parecia brincadeira já se tornara uma forma de flerte.

No dia seguinte, no trabalho, sempre que podia, Roberto fazia questão de se aproximar da colega e sentiu mais reciprocidade.

Em um belo dia, Roberto teve a necessidade de realizar um trabalho externo e precisava levar alguém com ele. Sem pensar duas vezes, pediu a companhia da morena, que prontamente aceitou.

Foi inevitável. Durante uma longa espera, ele a convidou para ir a um pequeno shopping bem próximo e, perto da escada rolante, aconteceu o primeiro beijo.

Rafael Monico

Beijo esse de sabor inigualável, instigante como o chocolate e doce como o mel.

Foi recíproco. Eles queriam mais e, dali nasceu uma paixão.

O casal, que namorava na surdina do trabalho, passou a realizar mais trabalhos externos, sempre juntos. Nascia o dia e Roberto logo se preparava para encontrar qualquer desculpa que os levasse a um passeio. Após o expediente, eles passaram a se encontrar também e nestes momentos o rapaz simplesmente se deleitava nos lábios doces da morena.

Mas seus beijos já não eram o bastante. Algo mais precisava ser feito.

Começaram jogos sexuais, brincadeiras gostosas que sempre instigam os parceiros. Porém, estas brincadeiras, em espaço curto de tempo, já não davam conta da libido de ambos.

Em uma tarde, quando foram fazer mais um trabalho externo, passaram no prédio onde a morena morava. Sem ser anunciada, a possibilidade de fazer aquela rápida visita causava ansiedade no casal, mas ali nada aconteceu.

Ao aguardar no hall, um surto de delinqüência juvenil e desejo avassalador tomou conta do casal. Como crianças que apenas pensavam em aprontar, entraram na escada do 13º andar, onde quase ninguém passava, e ali se consumiram.

picnostopia

Sem medo, só desejo, sem conseqüências, só certeza, de que aquilo era necessário para que ambos pudessem continuar a viver.

No carro, no trabalho, na reunião antes do fim do expediente, ambos não conseguiam evitar os olhares e os sorrisos.

No trabalho ninguém sabia, nem mesmo os mais próximos de Roberto e da morena. Mas o segredo já ficara insustentável.

Em pouco tempo, já se fazia prática do casal, um carinho ou até mesmo um beijinho, escondido nos encontros no corredor.

Roberto já não tinha dúvidas, a pele dela era mais macia que pêsego e seu fogo ardia mais que pimenta malagueta.

Nas devassas noites em que dormiam juntos, ele passava horas fazendo carinho em suas costas, o que a deixava arrepiada e até mesmo embelecida de sono. Não resistia ao licor do sexo.

Eles pareciam máquinas; ela queria e ele estava lá, pronto para amar. Ele insinuava e ela o agarrava, louca para selar seu desejo.

Na cama, eles se completavam perfeitamente. O corpo dela era lindo, o beijo era delicioso e o sexo era contemplador.

Rafael Monico

Porém, aquela Deusa do sexo, no dia-a-dia, assustava Roberto.

O que fazer em tal situação? Afinal, ela era perfeita na cama, porém, um tanto quanto autoritária fora.

Tudo valia a pena por ela, principalmente, por aquela pele macia, pela meiguice sexual, pela volúpia de seu prazer e pelos olhos penetrantes, mas o autoritarismo e um ciúme controlado, porém estúpido, fizeram com que Roberto passasse a duvidar de seus sentimentos.

Quem abriria mão de um sexo como aquele, que tinha o recheio do amor e da paixão, ligado ao espetacular prazer do gozo simultâneo?

Roberto.

Ele abriu mão de tudo isso por medo, pelo simples fato de entender que jamais teria o controle de qualquer situação, por entender que talvez isso se tornasse uma cólera ou apenas um vício, deixando de ser o que ele procurava: Um amor.

Você faria o mesmo?

Eu gosto tanto de você !!

Eu gosto tanto de você!

Talvez não seja preciso ouvir mais nada e nada contemplar. Engano!

Quisera eu que esta frase soe em seu ouvido e leve à sua imaginação o verdadeiro arquétipo do sentido deste simples súbito de sinceridade: EU GOSTO TANTO DE VOCÊ!

Permitisse Deus que com esta expressão tão simples, pura e regada de verdade e paixão eu alcançasse a mais profunda de suas inseguranças e as eliminasse.

Garanto que por trás deste dito acanhado e trêmulo existe um mar de conforto e calma, criado com suas medidas. Conforto encontraria, tal qual o ventre e o abraço de uma mãe, uma brisa no entardecer ensolarado ou um beijo embebecido na saudade.

Mas sou apenas um deserto neste momento, pois tudo que sempre quis oferecer a ti com esta simples frase não consegui, nem com tantas outras. Súbito infeliz sou eu, que não fui o bastante para alcançar suas necessidades.

Cavalgarei então, com este confortável e seguro castelo dentro do peito. Nele teias e mofo habitarão, pois seus moldes, não há flor que tenha, nem seus beijos, nem sua pele, nem seu carinho, nem meu amor.

Eu gosto tanto de você.

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com

Apresentação

Picnostopia é um conjunto de vontades, opiniões e histórias de uma mesma pessoa, que se descobre quando senta à frente de um computador nas madrugadas.

Aqui o leitor irá se deliciar com histórias controversas e instigantes, onde os personagens sempre se confundem com quem lê.

Ser um personagem deste livro é uma constante e certamente um barato.

O autor, Rafael Monico, é nascido em 3 de julho de 1977 na cidade de Santo André -SP. Formou-se em jornalismo na turma de 2005 do Centro Universitário IMES, em São Caetano do Sul. Foi militante político-estudantil durante a década de 90 e logo conheceu a vida de radialista pela rádio comunitária Patrulha FM. Em seguida, passou a ter uma coluna no jornal Estação Notícia, onde trabalhou entre 1999 e 2000, e retornou em 2002, ficando até 2006. Neste mesmo período, também trabalhou no site Tlach Notícias e Rádio ABC AM. Em 2007, decidiu se engajar na divulgação do Desenvolvimento Sustentável e passou a fazer parte do quadro dos ambientalistas do Instituto Triângulo.

O autor tem influências de escritores como Marcelo Rubens Paiva, Arnaldo Jabor, Luís Fernando Veríssimo, Nelson Rodrigues, Hildebrando Pafundi, entre outros. Assim, Rafael cria um mix de influências e apresenta seu próprio estilo de pensar e de escrever.



ISBN 978-85-7810-003-2



9 788578 100032

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro